

## O CORPO A SERVIÇO DE UM IDEAL: SUBJETIVIDADE E CULTURA

*Denise Lima Tinoco<sup>1</sup>*

*Nilda Martins Sirelli<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente trabalho propõe pensar a articulação entre o modo como o corpo é investido na contemporaneidade, como mais uma mercadoria a ser consumida pelas diversas intervenções e procedimentos possíveis de serem adquiridos na busca de um corpo ideal, e nossa constituição psíquica, pensada pela visada freudiana. Pela psicanálise discutimos: por que os ideais propostos por uma cultura, via circulação de bens e mercadorias, ganham tamanha força tanto subjetivamente quanto em nível de massas?

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo, contemporaneidade, ideal, desamparo, psiquismo.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, formada pela Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora – Macaé.

<sup>2</sup> Psicanalista, doutoranda pela UNIRIO, professora de Psicologia da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora – Macaé.

## **A constituição do sujeito**

O corpo tem sido alvo de estudos de ampla importância na contemporaneidade. Ele aparece como centro de debates em sua imagem, suas transformações, na publicidade ligada ou não à estética, exercícios, tratamentos, entre outras manifestações visuais, sociais e culturais.

Sendo o corpo perpassado pelo discurso social, ele possui uma história, de forma que o corpo de hoje não é o mesmo corpo de outrora. Se há 50 anos passados sentássemos, nós mulheres, com as pernas à mostra como nos dias hoje, estaríamos fadadas a difamação, e nas praias o desfile deliberado de corpos semi-nus seria impensável, o que certamente não é sem efeitos sobre o modo como esse corpo pode se subjetivar. Ou seja, o modo como o corpo é percebido no espaço social é alterado ao longo da história e essas mudanças por sua vez alteram o modo como esse corpo se posiciona frente ao espaço cultural.

Nesse contexto, é importante discutir o modo como o corpo é vivido na sociedade contemporânea, pois certamente traz implicações para o modo como o sujeito vivencia seu corpo, contudo, mais do que expor o modo como o corpo vem sendo alvo das mais diversas idealizações ligadas a mercadoria, nos perguntamos: por que esse discurso cola tão bem? Haveria alguma articulação possível entre o psiquismo e a força desse discurso social?

Nos caminhos trilhados para desvendar essas questões, nos deteremos na constituição do sujeito, trajetória traçada por Freud no “Projeto de psicologia” (1895 [1950]) e Lacan (2008/1959-1960) transitando veemente nos textos Freudianos.

Freud nos ensina que a constituição do psiquismo se dá não a partir não do nascimento do bebê, mas sim da relação advinda com o outro materno<sup>3</sup>, o que será prenhe de consequências. Começemos então, a discutir essa constituição.

## **A primeira experiência de satisfação e o corpo pulsional**

No texto “Projeto de psicologia” (1895 [1950]) especificamente ao falar sobre a *primeira experiência de satisfação*, são concebidas importantes formulações acerca da erotização e constituição do aparelho psíquico. Freud nos esclarece que o bebê nasce no desamparo radical, tanto que se não for tomado por um outro está fadado à morte. O outro

---

<sup>3</sup> Vale destacar que quando nos referimos ao outro materno não fazemos menção necessariamente a mãe biológica, mas a qualquer semelhante que ocupe o lugar de cuidar, olhar e investir no bebê.

primordial que desempenha a função materna, responsável pelos cuidados iniciais com o bebê e por sua sobrevivência (no sentido de provento de alimentos, higiene, etc), tem a importante função de lhe apresentar a cultura, o inserido no campo da linguagem. Segundo Freud ([1905], 2006) o *infans*, ao nascer, por sua dependência, precisa do outro para sobreviver e fazer sua entrada no laço social e, para isso, é necessário todo um investimento erótico no bebê.

O sujeito só advém a partir de outro humano, de forma que o bebê humano é absolutamente dependente e vulnerável, não sobrevive sozinho, nem mesmo no registro da ordem vital. Se deixarmos o bebê desprotegido, abandonado, ele morre porque não é capaz de sozinho, dar um fim as suas necessidades básicas de alimento, calor, higiene. Seguindo Freud (1895 [1950]) no “Projeto de psicologia” ele nos ensina que o humano é desamparado por constituição, o que trará importantes contribuições para pensarmos o laço indissociável que o liga ao outro e a cultura.

Em estado de desamparo o bebê só é capaz de chorar, espernear e executar ações motoras que não dão fim à estimulação externa. Logo, se torna necessário que um semelhante tome esse bebê, realizando alguma ação específica capaz de dar fim a estimulação. Ao que Elia (2010) explica que:

“[...] o sujeito só pode se constituir em um ser que, pertencente à espécie humana, tem a vicissitude obrigatória e não eventual de entrar em uma ordem social a partir da família ou de seus substitutos sociais e jurídicos [...]. Sem isso ele não só não se tornará humano [...] como tampouco se manterá vivo: sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana morrerá” (p. 39).

Esse sujeito de que fala o autor e trata a Psicanálise, só pode se constituir assujeitado ao outro, e a toda uma ordem social e cultural que o antecede. Para advir um sujeito, não basta somente esse ser ter um corpo biológico, é necessário que esteja com o outro da mesma espécie e inserido em uma organização familiar<sup>4</sup> e social. Depende, necessariamente, da significação do outro, e é esse outro que apresenta o mundo ao nascente, “a essa condição Freud deu o nome de desamparo fundamental (*Hilflosigkeit*)” (Elia, 2010, p. 39). O bebê humano nasce carente de todos os cuidados e de toda significação, e para que venha a se

---

<sup>4</sup> Como já esclarecido com relação ao outro materno, quando nos referimos a uma ordem familiar é relevante salientar que não nos referimos necessariamente a uma família burguesa tradicional, mas a quaisquer constelação familiar que possa subjetivar esse que foi lançado no desamparo.

subjetivar, precisa de alguém que o suporte tanto física quanto psiquicamente, através de inscrições de certas operações. Inscrições que podem se dar pela ajuda alheia, ao que Freud (1895 [1969]) nos fala sobre o complexo do próximo – *Nebenmensch*, que tentaremos delimitar agora.

De acordo com o princípio de constância, qualquer aumento na excitação é sentido como desprazer, o que requer para ser sanado da interferência de uma ação externa. O bebê sentindo um desconforto, onde podemos citar, como exemplo, a fome, emite um som, se agita, e a mãe vem em seu socorro, a mãe tende a interpretar a descarga do bebê (choro) dando um sentido a ela (fome, sono, frio, um endereçamento a si, dentre infinitas possibilidades). Ao interpretar a necessidade do bebê a mãe apreende como sendo uma demanda dirigida a ela, em resposta, oferta alguma coisa do seu próprio desejo. A mãe ao captar o grito do bebê e traduzindo seu apelo, já de posse da ordem simbólica, transmite algo dela ao bebê, possibilitando a nomeação da excitação e do grito sem significado. Essa ação externa de dar, por exemplo, o leite ao bebê é chamada de ação específica – a única ação capaz de acabar com a estimulação interna.

Essa ação específica, segundo Freud (1895 [1950]), permite colocar o sujeito no campo do simbólico, que é a “fonte da comunicação e de todos os motivos morais”, sendo elo entre sujeito e a cultura. Sobre alteração no mundo externo promovida pela ação específica do outro materno e o estado inicial do bebê de total dependência e alienação a quem o cuida só pode ser concebida de determinada maneira por Freud (1895[1950]):

“O organismo humano é, a princípio, incapaz de levar a cabo essa ação específica. Ela se efetua por meio de assistência alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é atraída para o estado em que se encontra a criança, mediante a condução de descarga pela via de alteração interna. Essa descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária de comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte de todos os motivos morais.” (p. 422).

Freud (1895 [1950]) frente a seus estudos sobre o aparelho psíquico esbarrou-se com a questão do desamparo, no qual a imaturidade biológica e simbólica do ser humano perante as ameaças do mundo externo colocam o bebê humano na total dependência ao semelhante responsável pelos seus cuidados. O bebê humano a partir de todo esse processo estabelecido na primeira experiência de satisfação é que possibilita sua retirada da posição de nada. Desse encontro com o outro que advirão as primeiras experiências de satisfação do bebê, que inauguram as inscrições psíquicas e a memória inconsciente.

Pensemos: a mãe traz o leite, o acalento – ou qualquer objeto suposto por ela, como aquilo que falta ao bebê – o objeto oferecido ao bebê não o satisfaz plenamente, sendo assim há uma satisfação parcial, apontando para a diminuição da tensão vivida pelo bebê.

A satisfação é vista como uma experiência que busca apaziguar a tensão interna sentida pelo bebê que não necessita de um objeto qualquer, mas de um objeto pré-determinado que desencadeie uma ação específica. Porém, não há um objeto que possa satisfazer completamente o circuito pulsional, ou seja, atenuar a tensão interna.

A experiência de satisfação produz um traço de memória, de forma que ao sentir algum desconforto o bebê investirá energia na imagem mnêmica do objeto que gerou satisfação (objeto mítico, impossível de determinar), através da via alucinatória. Contudo, não é capaz de acabar, de aplacar a tensão, o que o leva a um direcionamento ao outro e ao mundo externo. Instaurando-se aí o desejo como um reinvestimento no objeto supostamente perdido, o motor para o psiquismo.

É necessário enfatizar que, essa primeira experiência de satisfação é uma sentença lógica, mítica, um postulado indispensável a Freud para pensar a constituição do objeto como faltante e sua ação resultante de busca por parte do sujeito. Nesse sentido, Freud situa no semelhante a primeira apreensão da realidade pelo sujeito, o primeiro objeto de satisfação, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar. A esse processo Freud nomeou de “complexo do próximo”, sendo por meio de seus semelhantes que o humano pode reconhecer-se. Ao que Jorge (2005) acentua que:

“[...] para ressaltar nela o complexo do *Nebenmensch*, emanado para o *infans* a partir do ser humano que dele cuida, seu semelhante (ou seu próximo), que revela esse objeto inicial como sendo “simultaneamente o primeiro objeto-satisfação e o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar. É desse modo, “sobre o próximo que o ser humano aprende a discernir” (p. 141).

Ou seja, o complexo do próximo liga de forma indissociável o sujeito ao outro, pois só pode apreender algo de si pelo que lhe chega do próximo. Freud ainda nos ensina que o complexo do próximo apresenta-se dividido em dois componentes, um que se inscreve como traço de memória e outro que permanece *inassimilável* como “Coisa” (p. 384), *das Ding*.

Sirelli (2010) nos elucida que Lacan (2008/1959-1960), indo aos textos freudianos originais em alemão, diferencia dois termos possíveis para designar “Coisa”, são eles: *die Sache* e *das Ding*. O primeiro designa a coisa produto da indústria ou da ação humana, governada pela linguagem, ou seja, a coisa nomeável, possível de ser dita, ao passo que *das Ding* designa o verdadeiro segredo, aquele que é impossível de nomeação porque

desconhecido pelo próprio sujeito que o porta. Das Ding é uma espécie de furo, em torno do qual todas as representações se movem, na tentativa, sempre fracassada de representá-lo.

Como lugar deixado vazio é em torno de *das ding* que o desejo gravita, estando sempre ligado a impossibilidade de satisfação, pois como irrepresentável, nenhum objeto pode vir em seu lugar, daí o relançamento a infinitos objetos de desejo, que desvela a cada encontro, um desencontro.

Assim, retomando a falta do objeto, que traz a questão do desejo, o bebê uma vez saciado, vê surgir um novo estado de urgência, como, por exemplo, a fome. O bebê investe energia psíquica no traço de memória relativo ao objeto que lhe gerou satisfação outrora, esse investimento não aplaca a urgência, e ainda que o mesmo objeto seja oferecido, não gera a suposta satisfação alucinada. Porém a imagem referente ao traço mnêmico é ativada pelo bebê passando a ser investida no intuito de encontrar um elo entre o objeto desejado e o oferecido. Ao ser ofertada alguma coisa, o bebê busca retomar a suposta satisfação perdida. Podemos observar que daí por diante o objeto conhecido começa a fazer parte de alguma coisa que se repete, uma insistência em torno das mesmas coordenadas de satisfação. Esse momento da experiência da formação do traço mnêmico que dá origem ao psiquismo é um processo mítico e atemporal. Sobre esse momento Garcia-Roza (2004) ressalta que:

“... Freud supõe um momento mítico, no começo de tudo, quando teríamos a posse da Coisa. Daí por diante, seríamos lançados numa busca infundável dessa coisa perdida, embora nunca tenhamos tido verdadeiramente. Nessa procura da Coisa, forma-se a trama das representações (Vorstellungen) através dos caminhos da memória” (p. 152).

Freud (1895 [1950]), no “Projeto de psicologia” introduz na Psicanálise, ao beber na fonte da Filosofia, a idéia da coisa – *das Ding* que vai encontrando forma a partir da ênfase dada para a qualidade mítica da primeira experiência de satisfação do sujeito humano, momento este analisado por Freud como sendo para sempre irrecuperável. O conceito de *das Ding* trazido por Freud esclarece que, a experiência de satisfação dada pelos signos da alucinação do bebê, permitiu a instalação do objeto mítico original na relação do bebê com o outro materno, porém, este momento jamais será reconhecido efetivamente, deixando um buraco, um vazio. O aparelho psíquico persegue a marca mnêmica, tentando o reencontro com o objeto mítico vivenciado na primeira experiência de satisfação, buscando restabelecer a suposta satisfação original.

A primeira experiência de satisfação é, destarte, um marco na teoria freudiana, porque aborda o desejo na relação com a falta. Com isso podemos notar que desde muito

precocemente, o desejo surge no sujeito e este só pode aparecer, segundo Freud, na ausência de objeto, portanto, o sujeito só pode desejar aquilo que ele não tem e aquilo que lhe falta, sendo que o desejo é sempre inconsciente.

Desejo e necessidade são coisas bem diferentes e para elucidar a necessidade e o desejo na primeira experiência de satisfação do sujeito, Elia (2010) esclarece que:

“Freud precisou claramente a passagem do objeto da necessidade (leite...) para o objeto do desejo, o que já se faz apreender na experiência psíquica que registra a experiência de satisfação da necessidade, como ele se exprimiu. Dizer que o sujeito registra representa esta experiência, é dizer que ele a perde como natural, e Freud é claríssimo ao afirmar que o psiquismo procurará reencontrar o objeto segundo as linhas em que ele foi registrado psiquicamente. Ele denomina essa busca de desejo” (p. 51).

Dessa relação do bebê com o outro materno alguma coisa mais além da saciedade se insinua, constituindo o marco em torno do qual resultará o sujeito. Sendo o objeto do desejo um lugar vazio, qualquer objeto pode vir a ocupar o seu lugar, não o recobrando de todo. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud aponta que o objeto do instinto é pré-determinado e desenvolve uma ação específica para aplacá-lo e que o objeto da pulsão é variável. O traço mnêmico que será investido no caminho regressivo para a realização do desejo, na busca de reencontrar uma satisfação originária, estabeleceu já uma cisão entre o sujeito humano e o mundo biológico.

Em “Pulsões e Destinos das Pulsões” (1915/1982a), Freud propõe reflexões sobre o tema da pulsão, diferenciando-a de um estímulo externo. O autor assinala que diferentemente do estímulo, a pulsão não surge do exterior, mas do próprio organismo e dela não se pode fugir. Sua satisfação está ligada no rodeio ao objeto porque o encontro com o objeto é sempre faltoso. Seguindo o mesmo texto Freud, em 1915, expõe sistematicamente sua primeira teoria das pulsões e a situa:

“como um conceito de fronteira entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (p. 85).

Diante da exposição, a pulsão se trata de uma estimulação que vem de um corpo perpassado por um psiquismo, um corpo instituído na relação com o outro, e permeado pela linguagem e pela cultura. Freud utiliza o termo pulsão (*trieb*) e não instinto (*instinkt*), para se referir a sexualidade e ao sujeito.

Segundo Garcia-Roza (2004), a tradução feita por James Strachey<sup>5</sup> do termo *trieb* do original alemão, para *instinkt*, reforçou o caráter sinônimo ocorrido para se referir as constantes aproximações que as palavras pulsão e instinto, que conferiam a pulsão um caráter biológico, relativo as funções orgânicas a serviço da conservação do indivíduo. Caráter absolutamente equivocado, como vimos a cima.

Foi nos “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” de 1905 que o termo pulsão aparece ligado a palavra sexual, mais especificamente a pulsão sexual, referindo-se a estímulos constantes provenientes do próprio corpo, ou seja, estímulos endógenos e seus representantes psíquicos. Observemos ao ler no, no “Projeto de psicologia” (1895 [1950]) que, Freud diferencia os estímulos vindos do exterior dos estímulos endógenos, no qual os estímulos endógenos vêm diretamente do organismo, de forma que não se pode fugir deles.

Entendemos por instinto os automatismos, que possuem um caráter de sobrevivência, manutenção da espécie. Garcia-Roza (2004) aponta que a confusão entre instinto e pulsão foi resultante da hipótese formulada por Freud nos Três ensaios referente ao apoio inicial das pulsões sexuais sobre as funções corporais que servem de conservação à vida individual, levando à identificação da pulsão com o instinto.

O instinto diz respeito à condição natural de procriação, que é um padrão de comportamento hereditariamente fixado que possui um objeto específico. Para Freud a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às simples atividades sexuais que costumam ser descritas com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso do qual a libido constitui energia.

A pulsão é uma força que não age de forma momentânea, mas de uma forma constante, que age a partir de dentro do organismo e que busca satisfação, porém se satisfaz sempre parcialmente, não havendo como o sujeito escapar de sua ação.

De acordo com Freud, a pulsão está relacionada a quatro elementos característicos: o impulso (*Drang*), que sempre tende a descarga, a fonte (*Quelle*), localizada no corpo erógeno, o alvo, (*Ziel*) é sempre obter satisfação e o objeto da pulsão (*Objekt*) é o que proporciona a chegar a satisfação, o objeto pode ser do próprio corpo ou algo que se difere dele, não havendo uma pré-determinação de qual será este objeto, ao contrário, Freud nos fala que o objeto é o mais indiferente possível, podendo ser qualquer objeto.

---

<sup>5</sup> Tradução inglesa, da qual decorreu a tradução para o português da editora Imago.

Não há uma maneira ou um objeto único que levem a satisfação da pulsão, como já comentado, visto que essa, sempre se satisfaz, ainda que parcialmente, e com os mais variados objetos. Assim as diferenças entre instinto e pulsão, ocasionam em posições muito distintas quanto ao caráter que a sexualidade pode assumir. A pulsão, diferentemente do instinto, apresenta-se como indeterminada, não tendo um esquema prefixado. O objeto de satisfação da pulsão, bem como os modos pelos quais busca satisfação, não delimita, ou seja, está aberto a um fazer-se.

O corpo advém como pulsional ao ser perpassado pelo outro. Como vimos, ao advir no desamparo radical, o sujeito tem que se submeter ao outro como única via possível a vida, submissão que passa pelo próprio corpo, donde submete-se aos cuidados e as mais diversas significações advindas da cultura que irão perpassá-lo. Visando discutir essa constituição do corpo erógeno e as diversas heranças simbólicas que o perpassam, nos deteremos na constituição do Ideal de Eu.

### **O ideal de Eu: uma herança simbólica**

O termo narcisismo originou-se da mitologia grega designando “o amor a si próprio”, Freud confere ao termo o estatuto de conceito, sendo um tema bastante amplo e complexo desenvolvido no decurso da obra freudiana.

Em “Introdução ao Narcisismo” (1914/2010), Freud distingue dois tipos de narcisismo: o narcisismo primário que corresponde a um estado de onipotência infantil anterior a qualquer escolha de objeto exterior, e o narcisismo secundário, que corresponde em um segundo tempo, donde se coloca a possibilidade da escolha de objetos. Ou seja, no narcisismo primário o Eu é investido de libido e, posteriormente, uma parte dessa libido é repassada a objetos. Porém Freud afirma que a libido é essencialmente retida no Eu, de forma que os objetos se tornam em grande parte extensões do Eu, deteremo-nos neste processo.

O narcisismo primário segundo Freud (1914/2010) estrutura-se mediante as relações que o bebê estabelece com o outro materno ou aqueles que o circulam; essas pessoas que normalmente são as figuras parentais contribuem para a instauração da onipotência primária. O narcisismo primário é uma herança do ideal narcísico dos pais. A criança viria ocupar o lugar daquilo que ficou perdido e inacabado na vida dos pais. O bebê muitas vezes já nasce predestinado a recuperar para os pais todos os privilégios que estes foram privados pelas vicissitudes da vida, sendo obrigados a renunciar. O pequeno ser é incumbido a realizar os sonhos e projetos nos quais seus pais fracassaram. Este lugar, no qual bebê é idealizado pelos

pais, e que é assumido pela criança, é o que Freud chama de “Sua Majestade, o Bebê”, lugar de suposta onipotência, e no qual o bebê se reconhece como sendo aquilo que é desejado pelos pais, ele se experimenta como se o seu Eu correspondesse ao Ideal, formando o Eu ideal. Nas palavras de Freud (1914/2010):

“... As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. [...]. *His Majesty the baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. [...] O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascidos, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (p. 37).

Freud enfatiza a posição dos pais na constituição do narcisismo primário dos filhos, e para além disso, o lugar que o narcisismo assume na transmissão de um ideal ligado a gerações, pois os pais investem os filhos, dos ideais que lhes foram investidos antes, e nos quais falharam. O narcisismo dos pais renascido é transformado em “*amor objetal*”, criando o encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais, de modo que o desejo parental aparece como um articulador que liga o narcisismo parental com a estruturação da instância narcisista no filho. O Narcisismo Primário focalizou o primeiro modo de satisfação da libido ou autoerotismo, em que toda libido é investida no próprio corpo. Ainda não existe uma unidade comparável ao eu, nem a real diferenciação do mundo. O narcisismo primário concebe um estado precoce anobjetal em que a criança investe toda sua energia psíquica (a libido) em si mesma.

Assim, em um primeiro momento, a criança toma a si mesmo como objeto de amor, antes de escolher objetos exteriores, sendo condizente com suposta onipotência original.

Com o conceito de narcisismo, Freud irá representar o momento da libido que toma o Eu como objeto, ou seja, quando o sujeito pode investir afetivamente não apenas nos objetos a seu redor, mas também em si mesmo. Isto é, o narcisismo pressupõe a existência do Eu, enquanto o autoerotismo designa um estado pulsional anterior à constituição do Eu. O Eu é, portanto, um produto de um trabalho psíquico, e não algo inato, como muitos podem pressupor. O Eu se constitui como uma unidade através da imagem de si que a criança pode capturar no outro, que lhe funciona como um espelho. Ou seja, o Eu pode ser constituído no que o outro lhe apresenta uma imagem – conferida por seu próprio ideal narcísico – na qual a criança possa reconhecer-se, em um espelhamento.

O narcisismo primário é a experiência da criança em ser um objeto narcísico para o outro, isto é, o investimento dos pais no Eu do bebê. O adulto, que abandonou seu narcisismo infantil, encontra no filho a oportunidade de “reinvestimento” enquanto objeto narcísico. As aspirações dos pais se projetam na criança, ainda que os pais não façam isso de forma consciente. O narcisismo infantil irá, ainda, persistir após a infância sob a forma Ideal de Eu, sendo que aquela libido que antes era dedicada ao próprio Eu no narcisismo primário passa a investir um Ideal de Eu, uma imagem do que o Eu “deveria ser”.

O ideal de Eu é resultado da identificação ao ideal parental, e atuará impondo uma exigência ao Eu, sob a forma de um imperativo. Será a voz internalizada que dirá ao Eu: “você tem que fazer isso”, “você tem que ser assim”, “você precisa ser melhor”. Se por um lado é uma alavanca, ele também é impiedoso quando o sujeito não alcança as expectativas que lhe são impostas.

Com o passar do tempo, a criança vai percebendo que ela não é o único desejo da mãe, e as restrições do mundo também recaem sobre ela, e “sua majestade, o bebê” começa a ser destronado. “Essa é a ferida infligida no narcisismo primário da criança. A partir daí, o objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para reconquistar o seu amor; mas isso só pode ser feito através da satisfação de certas exigências; a do ideal do seu Eu” (NASIO, 1988, pág. 59).

O ideal do Eu é ao mesmo tempo substituto do *narcisismo perdido da infância* (onipotência infantil) e o produto da identificação das figuras parentais, assim como de seus intermediários sociais.

Freud (1914/2010) diz que o narcisismo ressurgiu deslocado em direção ao ideal do Eu, que como o eu infantil, se acha possuidor de toda perfeição e valor. O sujeito não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância, o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido da infância na qual ele era seu próprio ideal.

A formação de um ideal aumenta as exigências do eu, constituindo o que Freud chama de o fator mais poderoso a favor do recalque. O eu aspira reencontrar a perfeição e o amor narcísico, mas para isso precisa satisfazer as exigências do ideal do eu. As exigências do ideal nos liga inexoravelmente a cultura, como salienta Freud (1914/2010): “Do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Além do seu lado individual, ele tem também o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação” (p. 50).

Nesse contexto, os ideais presentes em uma cultura ganham força pela tirania do Ideal do Eu que quer a todo custo manter a suposta onipotência perdida, resgatar a suposta completude narcísica, tarefa impossível, pois, como vimos, o psiquismo se estrutura em torno de um furo, impossível de ser tamponado. Porém, se o que figura na subjetividade é uma ausência de objeto, qualquer objeto ditado pela cultura pode assumir esse lugar de ideal. O ideal é sempre inalcançável, pois quando atingido já se desloca para outro lugar, mas, pode manter uma cadeia de circulação e de buscas incessantes, pela promessa ilusória de completude e saciamento.

Com isso, discutiremos o lugar dado ao corpo na sociedade contemporânea com seus sucessivos deslocamentos ideais.

### **A busca do corpo ideal**

A sociedade contemporânea é marcada por uma disseminação maciça de um ideal de beleza a ser adquirido e seguido por todos. Tal ideal atrela-se a lógica do capital, como um corpo que pode ser adquirido pelas mais diversas intervenções cosméticas, aeróbicas, cirúrgicas, dentre as mais diversas ingerências disponíveis no mercado.

Del Priore (2000) menciona que a beleza instituiu-se como prática corrente, consagrando-se como condição fundamental para as relações sociais. Banalizada, estereotipada, ela invade o cotidiano através da televisão, do cinema, da mídia, explodindo num todo – o corpo nu, na maioria das vezes – ou em pedaços, pernas, costas, seios e nádegas. Nas praias, nas ruas, nos estádios ou nas salas de ginástica, a beleza exerce uma ditadura permanente, humilhando e afetando os que não se dobram ao seu império.

Tal ordem fica ainda mais forte para a mulher, ao que a autora define que a identidade do corpo feminino corresponde ao equilíbrio entre a tríade beleza-saúde-juventude, onde a mulher é amplamente empurrada a identificar a beleza de seu corpo à juventude e a juventude com a saúde. Inspirada no antropólogo, Bruno Remaury, afirma serem as três condições culturais da fecundidade da mulher para a perpetuação da linhagem. No entanto essa imagem de mulher autônoma que detém o controle da sua sexualidade e do seu corpo mediante a posse dos contraceptivos se acha ainda submissa. Submissa não mais somente às múltiplas gestações da maternidade segundo Del Priore, mas à tríade da perfeição.

Conforme a autora, juventude, beleza e saúde são os conceitos modelo das sociedades ocidentais, somados as tecnologias e práticas de aperfeiçoamento do corpo, exposto cada vez mais nos veículos da mídia, trazendo a consolidação de uma indústria crescente de linhas de

roupas, produtos e jogadas de marketing que intensificam a maioria das mulheres na busca pela perfeição desse modelo corporal. O fato é que a indústria cultural fábrica de imagens como o cinema, televisão, marketing e revistas, têm contribuído para que os sujeitos, em especial as mulheres, se dediquem a adotar um modelo excessivamente magro, produzido e perfeito. E as mulheres atualmente mantêm-se fixas a essa tríade da perfeição e vivem a serviço de seus corpos por subordinação a uma mídia que leva ao consumismo exagerado. Ao que pretendemos pensar: por que esses modelos ideais ditados colam tão bem? Por que são adotados por tantos, apesar do crescente sofrimento pelo imperativo e a impossibilidade de alcance que colocam?

É amplamente divulgado nas propagandas midiáticas que temos que nos comportar consumindo cada vez mais, vendendo uma imagem feliz, no entanto, irreal e inalcançável, depositada na aquisição dos objetos como carro, roupas, viagens, perfumes e outros bens de consumo, dentre eles o próprio corpo que pode ser consumido nas farmácias e academias. Existe uma padronização dos produtos visando à integração e pertencimento do sujeito a sociedade.

O corpo segundo Vaz (2006), sofre a experiência da transformação entre este e o mercado atual. Na era do capitalismo de produção, o corpo era enfatizado no mercado como força de trabalho, ele era adquirido a partir de sua capacidade de produzir ao máximo. O corpo era priorizado como força a ser domesticada e preservada. Hoje encontramos um capitalismo voltado para a super produção no qual o corpo entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido.

Encontramos o corpo imagem, estampado como modelo nas telas artísticas e de cinema, como linguagem, na antropologia cultural, na biologia, nos livros de educação do infantil ao acadêmico científico, nos programas de televisão, revistas, celulares e jornais. Esses canais dedicam boa parte de sua programação voltada à beleza e a estética. Podemos observar que lá está a imagem do corpo a ser consumido, como uma imagem bela que se vende. Pode ser consumido na indústria cosmética e de produtos pessoais que têm dedicado espaços em suas programações cada vez maiores para apresentar novidades nos setores de cosméticos, de alimentação e vestuário. Porém os anúncios veiculados nessas mídias estão o tempo todo tentando vender o que não está disponível nas prateleiras: sucesso e felicidade.

O consumo aparenta apaziguar a insatisfação e o vazio. Vaz (2006) enfatiza que o consumo passa a ser pensado como atividade que provoca prazer e não como o que é ditado pela necessidade. O corpo que consome não é mais investido como força; ao contrário, o que

se pesquisa é o corpo como máquina de prazer e dor, como o que deve ser investido nas sensações que provoca no pensamento, tanto para permitir uma ação sobre sua capacidade de consumir, quanto para evitar os seus desvarios.

O consumo, na contemporaneidade, é palavra de ordem e para a melhor compreensão deste tema, Jean Baudrillard (1995) destaca-se como teórico pós-moderno retratando este mal estar contemporâneo.

Baudrillard (1995) afirma que a sociedade pós-moderna é uma sociedade de consumo. O mundo industrial de automatização da produção em longa escala, favoreceu aos homens a cultura de consumo e o homem pode ser percebido como uma máquina que se tornou um objeto virtual desse sistema globalizado. O consumo desenfreado, padronizado e ditado pela mídia, molda as relações entre os sujeitos. Não se consome pelo necessário e funcionalidade do produto, mas por conveniência baseada no interesse ativo de relação entre as pessoas. Ele alega que: “o consumo surge como modo ativo de relação, como modo de atividade sistemática e de resposta global, que serve de base a todo nosso sistema cultural” (p. 11).

A aquisição do objeto não se vincula a uma necessidade, não se tem a real consistência do significado da aquisição do bem de consumo, consomem por signos, ou seja, incorporam à mercadoria uma grande associação simbólica, significativa e imaginária. Não é o uso em si do objeto a fim de atender um dever, mas seu signo, seu significado. Nas palavras de Baudrillard (1995):

“Nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) – os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal, quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior” (p. 60).

Neste infinito mar de consumo, imerso a tantas mercadorias, assistimos o corpo como um objeto a mais, livre para o uso e para a compra. Neste campo de manipulação de objetos e símbolos que caracteriza a cultura do consumo, Baudrillard indica que o corpo aparece como o mais belo objeto do investimento individual e social.

Nos grandes centros e shoppings de consumo adquire-se qualquer coisa e também novas formas, designs, receitas e modelos de culto ao corpo, engrossando o volume de processos disponíveis de se efetuar a compra tão almejada pela busca da nova imagem. A oferta da beleza inalcançável surge com promessas de perfeição na melhoria da estética acima dos limites. Os fluxos de possibilidades são intensos e fluidos.

O momento contemporâneo é caracterizado pelo aqui e agora, mudanças constantes, tudo se finda rápido, porque o novo chegou! Tudo é fluido, atualizável e descartável. Os

tempos são “líquidos”, segundo Bauman (2001), porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser “sólido”. O progresso traz o mundo guiado pelo “aqui e agora”, pelos desejos e pelas satisfações imediatas visando à economia de tempo com preocupação no futuro. Desse mesmo pensamento emerge a busca obsessiva pelo corpo ideal.

Bauman (2001) afirma que existe uma distinção entre o corpo do consumidor e o corpo do produtor. O corpo do consumidor é movido pela aptidão que é um estado que pode ser tudo menos sólido. A fluidez deste estado gera modelos corporais flexíveis, ajustáveis e resilientes, aptos por reelaboração ainda não experimentadas, corpos desejosos por novas sensações de construções subjetivas. A busca pela satisfação e prazer advindos pelo corpo consumidor não procura regra que ordene suas escolhas, como na sociedade de produtores que tem como meta a saúde demarcada pelos limites entre a norma e a normalidade.

O corpo rígido e maquínico de outrora característico da modernidade sólida oferece lugar agora na Pós-Modernidade a um corpo fluido aberto a novas possibilidades de construção subjetivas apresentadas pelo modelo corporal exercido pela experiência contemporânea como corpo consumidor. O corpo é consumido como imagem bela que permite vender a beleza. A felicidade e a qualidade de vida têm sido cada vez mais associadas e reduzidas às conquistas materiais relativas à cultura do consumo.

Garcia (1999) enfatiza que na sociedade atual existem valores culturais voltados ao bem estar e ao prazer que se seguem contínuos e que podem ser disseminados e aprendidos com primazia pelas imagens divulgadas na mídia. Entretanto o campo midiático com as propagandas objetivando o consumo e o lançamento infundável de produtos ampliou seu espaço de atuação elevando o sujeito à categoria de produto a ser divulgado. Segundo o autor, a competitividade oriunda da lógica do mercado capitalista levou o sujeito a busca incessante da imagem pautada no modelo de sucesso atrelada a aparência. Não basta ser estudado, competente, inteligente é preciso ter a imagem, a aparência ligada ao sucesso e competência.

No entanto o imediatismo contínuo é um valor presente nos desafios da lógica da sociedade de consumo. Há o domínio principal do ser definido pelo ter. A imagem modelo do corpo perfeito, bem torneado, boa posição social, carro, dinheiro, viagens, são valores ligados ao consumo que garantem a inserção social, no qual o sujeito é valorizado pelos bens adquiridos.

Garcia (1999) alerta para a sutil mudança com relação ao tempo de aquisição da imagem de sucesso que num primeiro momento era alcançado pelo esforço pessoal, e era o caminho para sua conquista através do trabalho, estudo, suor na academia, visando a boa

forma e aquisição de bens. A vivência desse tempo era necessário para o sujeito assimilar tanto o processo de investimento de energia no processo quanto as vivências das frustrações com as descobertas do sentimento de esforços insuficientes, porque o sujeito não se esgota em busca da boa imagem.

Num segundo momento, Garcia verifica com relação ao mesmo tempo na busca da imagem modelo que há a predominância do imediato, faltando ao sujeito a urgência de se traçar objetivos para alcançar uma meta. Atualmente, de acordo com o autor, podemos observar que os sujeitos apropriam-se de modelos identificatórios expostos na mídia vivenciando o paradoxo da possibilidade de adquirir tal imagem ideal de sucesso e satisfação imediatamente. A cultura contemporânea exprime como paradoxo a promessa de conquista de satisfação imediata. A mídia cultural expõe através de cópias e modelos, que o sujeito pode tudo momentaneamente sem esforços. Por Garcia é preciso um longo aprendizado para que se instaure o sujeito social e o processo de constituição do sujeito não é marcado nem pelo instantâneo, nem pelo imediato.

Apontando a necessidade de um longo percurso para a instauração do sujeito social, observamos que a busca pela imagem ideal, atrelada ao sucesso imediato, belas formas, dizem respeito a aspectos socioculturais maciçamente compartilhados pela sociedade Pós-moderna. Para confirmar que o corpo dialoga com a sociedade e como cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo, na leitura do artigo “As técnicas corporais” de Marcel Mauss (1974), ele ressalta que o corpo humano constitui-se também por aspectos socioculturais e que os gestos, comportamentos, atitudes e movimentos seriam resultados de aprendizagens, aquisições sociais e imitações formais ou inconscientes.

Conforme a discussão da relação entre corpo e sociedade na perspectiva do antropólogo Mauss (1974), ele aponta que o corpo é o local de diferentes formas de sociabilidade e espelha consequentemente a vida social da comunidade a qual se insere, de tal modo que o corpo não se compõe puramente de elementos biológicos, mas é sobre tudo uma construção social, corroborando com a perspectiva freudiana apontada em um primeiro momento desse trabalho, donde vimos que o corpo erótico, esse corpo capaz de fazer laço e se posicionar diante do outro, só se constrói mediante o laço com o outro, sendo permeado pelos ideais e investimentos que dele partem.

Maria Rita Kehl (2008) em seu texto “O inconsciente a serviço do lucro”, comenta que a publicidade está inteiramente enraizada à cultura das sociedades modernas e que o corpo está totalmente a serviço dessa atividade de consumo na fruição de bens. Diante disso é

interessante observar como o homem constrói e idealiza o seu próprio corpo a partir das condições socialmente dadas.

Segundo a autora a publicidade a serviço da economia capitalista vende mais que bens de consumo, alicia o inconsciente do consumidor a fruir também nesse pacote os sonhos, ideais, atitudes e valores na lógica da realização desenfreada do desejo. O real objetivo da publicidade é a venda de produto, porém segundo Kehl, a publicidade perdeu sua ferramenta de persuasão e convencimento quanto a escolha dos melhores produtos e trabalha atualmente com o inconsciente do consumidor. A autora realça as características do inconsciente descrevendo-o como não ético e nem antiético. Descreve-o como amoral, sendo seu funcionamento de acordo com a lógica da realização “imediate” dos desejos e que não é um feito apenas individual, como pode parecer, classificando assim o desejo como um componente social, porque desejamos o que os outros desejam, ou o que nos convidam a desejar, pois nosso desejo é indissociável do desejo do outro, como pudemos ver por nossa constituição subjetiva.

Kehl (2008) descreve que no mundo da publicidade, os publicitários descobriram que é possível fazer o inconsciente do consumidor trabalhar a favor do lucro. Uma imagem publicitária eficaz deve apelar ao desejo inconsciente, ao mesmo tempo em que se oferece como objeto de satisfação. Essa mesma imagem determina quais serão os objetos imaginários de satisfação do desejo, e assim faz o inconsciente trabalhar para o capital.

Só que o sujeito do inconsciente nunca encontra toda a satisfação prometida no produto que lhe é oferecido e que nesta operação, quem goza mesmo é o capitalista deixando o comprador num ritmo cada vez mais desenfreado ao consumo na busca do objeto para obter a satisfação. Como vimos, o psiquismo se institui por um vazio de objeto, podendo qualquer objeto entrar na série pulsional, e sendo todo encontro faltoso, imediatamente há um relançamento a outro objeto, produzindo uma circulação infinita de mercadorias, e o corpo aparece como mais uma mercadoria a ser consumida, em prol de um ideal que garanta a felicidade, a suposta completude almejada.

A sociedade flui com a cultura do consumo, na qual o imaginário do corpo é dominado pelas imagens que mostram um ideal da estética corporal através de seus produtos. As origens e trajetórias de vida das pessoas manifestam-se na forma do corpo, ou seja, em seu modo de andar, sua altura, peso, postura, comportamento, conduta, tom de voz, estilo de falar, etiqueta em fim aspectos socioculturais ditados pela mídia. Este corpo esteticamente bonito, produzido, construído, modelado, estilizado está para ser contemplado, observado e desejado.

Kehl citando o trabalho da psicanalista Marie-Hélène Brousse, ao falar sobre a dimensão política do inconsciente, recuperou uma conferência de Lacan de 1947 em que ele se dizia preocupado com a expansão da cultura industrializada que vinha promovendo meios de agir sobre o psiquismo através de “uma manipulação combinada de imagens e paixões”. Nos quase sessenta anos que se seguiram a esta conferência, os artificios dessa manipulação de imagens e paixões não pararam de aperfeiçoar-se. Propaga-se, então, a concepção de corpo-mercadoria que se volta especialmente para a venda de imagens corporais de sucesso. Na cultura do consumo, a conquista do corpo almejado é condicionada objetivamente, assim como qualquer outra mercadoria. É nesse momento que as formas se misturam, se fragmentam, tornam-se virtuais, tendem ao desaparecimento, gerando fantasmas mais que corpos. Não é mais apenas o corpo que interessa ao capitalismo, mas a imagem e a mercadoria desse corpo. O que certamente não é sem efeitos.

Sendo o ideal por definição inatingível, a busca pelo corpo ideal prossegue. E podemos dizer que a lógica da mercadoria permanece tão forte, pois a cada desencontro com um objeto, o capitalismo já oferece a promessa de mais um, safando o sujeito de lidar com seu desamparo radical, que jamais poderá ser sanado por qualquer imagem, objeto ou ideal.

### **Conclusão**

Diante do presente estudo pudemos compreender como se funda o sujeito e sua articulação com o discurso social. Nesse processo chegamos às seguintes considerações que seguem.

Só há constituição psíquica em um assujeitamento radical ao outro materno, sendo o sujeito banhado por todo campo lingüístico e simbólico que o circunda. Não sendo tomado por outro humano o bebê está fadado a morte, é um pedaço de carne sem qualquer significação.

O bebê humano nasce em estado de desamparo, e aqueles que lhe tomam vão lhe permitir iniciar a via da subjetivação mediante os cuidados com sua sobrevivência, e uma boa cota de investimento narcísico. Este processo será possível, simultaneamente, pelo manuseio das partes do corpo do bebê e pela fala que a mãe lhe dirige. A mãe, ao tocar e ao falar com o bebê, vai mapeando esse corpo ao mesmo tempo em que vai dando nome (significados) aos desconfortos do bebê e diz: – “O bebê está chorando de fome” e lhe dá o peito; – “O bebê está resmungando, está sujo”, e o troca, ou “está chamando a mamãe”, dentre infinitas possibilidades de nomeação e significação. Ao tentar supor o que o bebê deseja, o outro

materno coloca o seu próprio desejo e supõe aí um sujeito, que demanda e, portanto, em falta, via pela qual o bebê pode reconhecer-se, donde as primeiras marcas psíquicas podem se inscrever e o psiquismo pode se instaurar.

Diante do total desamparo em que o nascente se encontra, Freud vai dizer que a relação narcísica do bebê com o outro materno é o processo indispensável para que o *infans* inicie sua subjetivação. O complexo do próximo liga de forma indissociável o sujeito ao outro, pois o bebê só pode apreender algo de si pelo que lhe chega do próximo.

O complexo do próximo de acordo com a teoria freudiana apresenta-se dividido em dois componentes, um que se inscreve como traço de memória e outro que permanece *inassimilável* como “Coisa” (p. 384), *das Ding*. *Das Ding* é uma espécie de furo, em torno do qual todas as representações se movem, na tentativa, sempre fracassada de representá-lo.

Freud no “Projeto de psicologia” (1895 [1950]p.370), coloca que a descarga da tensão provoca no bebê uma sensação de prazer que caracteriza a primeira experiência de satisfação. A satisfação deixa uma marca mnêmica, uma coordenada de satisfação a ser perseguida, mas nunca preenchida. É esse traço, ou seja, a forma como o bebê vivencia essa experiência que determinará os caminhos que ele trilhará na busca por satisfação. O bebê diante da impossibilidade de reviver a satisfação inicial experimentada, a reproduz pela via da alucinação.

A primeira experiência de satisfação é um marco por Freud porque aborda o desejo na relação com a falta. Segundo Freud o desejo só pode aparecer na ausência de objeto nos orientando que o sujeito só pode desejar aquilo que ele não tem e aquilo que lhe falta, sendo o desejo inconsciente.

O corpo para a Psicanálise é um corpo pulsional, perpassado pela relação com o outro, atravessado pela linguagem e pela cultura. Cultura perpassada e transmitida pela herança simbólica do ideal narcísico das figuras parentais. Transmissão que só pode se efetuar porque no cerne do psiquismo figura uma falta, que possibilita a circulação incessante de ignificações e objetos.

O Ideal de Eu se constitui na tentativa de manter a suposta onipotência perdida e a resgatar a suposta completude narcísica, contudo, o ideal é impossível de ser alcançado, pois o psiquismo se estrutura em torno de um furo, impossível de ser fechado. O que se figura na subjetividade é uma ausência de objeto, porque os objetos trazem uma satisfação parcial, mas, não absoluta e suposto objeto de satisfação está perdido, havendo sempre um relançamento do objeto possibilitando a circulação do desejo, configurando assim que o objeto ditado pela

cultura pode assumir esse lugar de ideal. Porém o ideal é sempre inalcançável, pois quando atingido já se desloca para outro lugar, mas, pode manter uma cadeia de circulação e de buscas incessantes, pela promessa ilusória de completude e saciamento.

Diante dessa reflexão, assistimos na contemporaneidade, ao corpo/beleza objeto ditado pela cultura como uma mercadoria, ao que a lógica do capital ganha primazia, por trazer a ilusão de saturar a falta. A cada novo objeto ofertado ressurgem a promessa de obturar a falta, porém essa é constitutiva, e só resta ao sujeito fazer com ela. A lógica da mercadoria lança o sujeito na posição de impotência, como se a impossibilidade de satisfazer-se estivesse localizada na impossibilidade de alcançar um ideal ditado pelo capital, quando na verdade trata-se do impossível, é impossível obturar a falta, e é isso que possibilita a circulação de mercadorias. O desejo inconsciente serve ao lucro na medida em que possibilita essa circulação, e o acolhimento de um ideal, todavia, a via proposta pela psicanálise, e por uma análise, é de acolhimento da falta, e não de negação desta. Via que segue na contramão do discurso capitalista, assim como do não querer saber da falta, que parece se articular ao caráter maciço conferido a esses discursos.

## Referências

DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

BAUDRILLARD, J. *Sociedade do consumo*. Lisboa/Portugal, Edições 70, 1995.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COUTINHO, J. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. vol 1: As bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ELIA, L. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2010.

FERNANDES, L. R. *O olhar do engano: autismo e Outro primordial*. São Paulo: Escuta, 2000.

FREUD, S. (1905/1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_.Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 7.

\_\_\_\_\_. (1914/1989). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 14.

\_\_\_\_\_. (1915c/1989). A pulsão e suas vicissitudes. In: \_\_\_\_\_. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 14.

\_\_\_\_\_. (1930/1989). O Mal-Estar na Civilização. In: \_\_\_\_\_. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 22.

\_\_\_\_\_. (1950[1895]/1989). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_.Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 1.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, v. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (Coleção Artigos de metapsicologia, 1914-1917).

KEHL, M. R. *A fratria órfã: conversa sobre juventude*. Olho d'Água. São Paulo, (2008).

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

NASIO, J. D. *Os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1988.

SIRELLI, N. M. *Alienação e separação: a lógica do significante e do objeto na constituição do sujeito*. 2010.

VAZ, P. (2006). Corpo e risco. [versão online]. Acesso em 29 de janeiro de 2014, em <http://www.angelfire.com/mb/oencantador/paulovaz/INDEX.html>.

## **THE BODY IN THE SERVICE OF A DREAM: Subjectivity and Culture**

### **ABSTRACT:**

This paper proposes think the relationship between the way the body is invested in contemporary times, as a commodity to be consumed by the various interventions and procedures which can be acquired in the pursuit of an ideal body, and our psychic constitution, designed by the offeree Freudian . By psychoanalysis discussed: why the ideals proposed by a culture, via movement of goods and services, gain as much strength as both subjectively-level masses?

**KEYWORDS:** Body; contemporary, ideal, psyche, helplessness

## **LE CORPS DANS LE SERVICE D'UN RÊVE: Subjectivité et Culture**

### **RESUMÉ:**

Cet article propose pense que la relation entre la façon dont le corps est investi à l'époque contemporaine, comme une marchandise à consommer par les différentes interventions et pouvant être acheté dans la recherche d'un corps idéal, et nos procédures de psyché conçu par l'freudienne visée . En psychanalyse discuté: pourquoi les idéaux proposés par une culture, par le mouvement des biens et des services, acquérir une telle force à la fois subjectivement et dans le degré de pâtes?

**MOTS-CLÉS:** corps, contemporain, idéal, psyché impuissance.

Recebido em 29/05/2014  
Aprovado em 28/06/2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista  
[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)  
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.  
Memória, Subjetividade e Criação.  
[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)    [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)